

Escolas se negam a matricular alunos deficientes

Bruna Letícia Pinho Marques, de 4 anos, é cega de nascença. Williams de Oliveira Gomes Veloso, da mesma idade, é surdo. Pelo menos teoricamente, a deficiência física lhes assegura prioridade na matrícula em escolas da rede pública municipal, de acordo com o artigo III, parágrafo 3º, da portaria nº 3 do Departamento Geral de Administração Escolar. Na prática, os pais de Bruna e os de Williams se depa- raram com outra realidade ao tentarem matricular os filhos na Escola Municipal Almirante Frontin, em Campo Grande.

Apresentando documento assinado por Miriam Lucia Rebelo Pinto, coordenadora do Programa Precoce/Pré-Escolar da Secretaria Municipal de Educação, assegurando a prioridade para matrícula no pré-escolar, os pais de Williams tiveram o pedido de matrícula recusado pela direção da escola. A alegação era de que entre os candidatos havia crianças com mais idade do que ele e, portanto, com mais direito à vaga no jardim da infância.

— Acho que deve ter havido erro de interpretação da direção da escola — explica a professora Vera Lucia Flor, diretora do Instituto Helena Antipoff, responsável pelo encaminhamento das

crianças deficientes às escolas mais próximas de suas casas.

Nervoso, Tadeu Marques, pai adotivo de Bruna, diz que já perdeu a conta de quantas escolas negaram vaga à menina. Contrariando a ordem da secretaria, de que pelo menos nos primeiros anos escolares as crianças deficientes devem freqüentar escolas regulares para acelerar o processo de socialização, todos os colégios procurados por Tadeu e sua mulher, Elizabeth, aconselharam-nos a tentar vaga no Instituto Benjamin Constant — especializado no ensino de cegos — na Urca, a mais de 60 quilômetros de onde moram.

Para corrigir a falha, Vera, por telefone, conseguiu ontem a confirmação do 21º Distrito de Educação e Cultura (DEC) de que a vaga de Williams ficaria assegurada. Para Bruna, expediu um documento de prioridade. Segundo Vera, recusas como essas nunca haviam acontecido nos 25 anos em que trabalha no Instituto. Não é o que dizem Cláudia e Adilson Gomes Veloso, pais de Williams:

— Na Zona Oeste, onde moramos, conhecemos vários casais com filhos deficientes que estão passando pelas mesmas dificuldades — diz Adilson.